

COMO DEFINIR O FALAR DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI?

Cíntia da Silva Pacheco¹

Resumo: O objetivo desse artigo é discutir as várias nomenclaturas destinadas à fronteira Brasil-Uruguai desde a década de 60 quando o falar uruguaio foi identificado e registrado. Desde então houve as denominações de dialeto misto, fronteiriço, interlíngua, dialetos portugueses do Uruguai, pré-pidgin, pidgin, portunhol e, a partir da década de 2000, a expressão português uruguaio como uma variedade do português brasileiro.

Palavras-chave: Portunhol. Interlíngua. Português Uruguaio.

Abstract: This article aims to discuss the many terminologies used to designate the Brazil-Uruguay's border since the 60's when the Uruguayan speech was identified and recorded. Since then, different terminologies have been used, such as mixed dialect, borderline dialect, interlanguage, Portuguese dialects from Uruguay, pre-pidgin, pidgin, Portunhol (a mixture of Portuguese and Spanish, similar to what is called Spanglish) and, since the second decade of 2000, the term Uruguayan Portuguese as a variety of Brazilian Portuguese.

Keywords: Portunhol. Interlanguage. Uruguayan Portuguese.

Introdução

Percebe-se que os estudos precursores sobre contato de línguas baseavam-se em informações do português padrão ou de fontes não descritivas do português falado no Brasil. Atualmente, é possível entender melhor a realidade linguística do português uruguaio frente às pesquisas variacionistas que têm sido realizadas, especialmente depois do trabalho desenvolvido por Carvalho (2003).

Nas décadas de 60 a 90, os estudiosos pensavam ter encontrado outra língua ou outro dialeto na fronteira Brasil-Uruguai. Já na década de 2000, a descoberta é que esse falar fronteiriço é, em verdade, uma variedade do português brasileiro, principalmente depois dos estudos variacionistas de Carvalho (2003).

De fato, uma das maiores diferenças dos trabalhos variacionistas para os trabalhos de Rona (1965), Elizaincín *et alii* (1987), Elizaincín (1992) e Hensey (1969/1972), é que a variação linguística é explicada a partir dos padrões linguísticos e sociais, e não da variação interna livre, ou seja, os usos são variáveis e regulares em determinados contextos. Nesse sentido, não se

¹ Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES; Centro Universitário de Brasília – UniCEUB; Brasília-DF; Brasil; Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP; Universidade de Brasília – UnB; Brasília-DF; Brasil; cintialetras@yahoo.com.br.

trata de mistura aleatória de línguas ou de fenômenos aparentemente categóricos, mas sim de sistemas variáveis como qualquer dialeto monolíngue.

“Entretanto, a menos que os uruguaios adquiram o português *standard*, a interferência do *fronterizo* poderia ser institucionalizada como Português Uruguaio” (Tradução nossa) (Hensey, 1972, p. 78)². A partir da citação de Hensey (1972, p. 78) sobre a língua da fronteira, já é possível identificar um traço de que se tratava de uma variedade linguística do português, conforme evidencia Carvalho (2003). A própria terminologia “português uruguaio” já é mencionada por Hensey, mas apenas para o português falado pelos bilíngues, enquanto o *fronterizo* é reservado para os monolíngues.

Estudando o contato de línguas, percebemos a nomenclatura diversificada que cada autor atribui para o falar da fronteira Brasil-Uruguaí. Para cada definição, obviamente, existem as crenças ideológicas, as posições linguísticas e as linhas teóricas assumidas pelos estudiosos. Por isso, com relação à denominação da variedade fronteiriça, é importante deixar claro o que faz parte do senso comum e o que de fato é comprovado e estudado pela Linguística. Como o objeto deste estudo é bastante complexo e singular, descrevemos nesta seção algumas características e classificações dadas pelos estudiosos da área.

Para classificar a situação do contato entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Uruguaí, os principais termos ou expressões são listados abaixo:

- Dialeto misto, *fronterizo* (RONA, 1963; HENSEY, 1972).
- Interlecto (HENSEY, 1969)
- DPU (Dialectos portugueses del Uruguay) e pré-pidgin (ELIZAINCÍN, BEHARES e BARRIOS, 1987).
- Portunhol (MOTA, 2012; STURZA, 2005; FAULSTICH, 1997).
- PU (Português uruguaio) (CARVALHO, 2003).

Essas nomenclaturas serão detalhadas adiante, especialmente para que se tenha uma visão de conjunto de como o português da fronteira foi sendo classificado ao longo dos anos, desde sua descoberta pelos linguistas.

Dialeto misto, *fronterizo* e pidgin

² “However, unless Uruguayans acquire standard (i.e., Brazilian) Portuguese, interference of the *fronterizo* type may become institutionalized and yield a specifically Uruguayan Portuguese” (HENSEY, 1972, p. 78).

Na década de 60, Rona (1963, p. 5) confirma a existência do *dialecto mixto* que denomina *fronterizo*, ou seja, um dialeto de base portuguesa que misturava o português falado na parte meridional do Rio Grande do Sul e o espanhol falado no Uruguai.

Posteriormente, Rona (1963) propõe dois dialetos fronterizos diferentes: o de base portuguesa e o de base espanhola. Segundo Behares (2010), foi graças a Rona que Celso Cunha, em 1979, incluiu em sua gramática o Dialeto Fronteiriço entre as variedades do português faladas no mundo. Sobre a constituição linguística dos *fronterizos*, Rona (1963, p. 7) afirma que

consiste éste en una mezcla de portugués y español, pero que no es ni portugués ni español y resulta con frecuencia ininteligible tanto para los brasileños como para los uruguayos. Esto es, que en la cadena hablada hay trozos enteros que resultan incomprensibles para los luso-hablantes e hispano-hablantes que no conocen el “fronterizo”.

Pela explicação de Rona (1963, p. 7), esse falar fronteiriço poderia ser equiparado a um *pidgin*, pois seria um sistema de emergência surgido da necessidade de comunicação entre pessoas adultas de diferentes línguas e culturas, sem sistematização, altamente variável e simplificado em relação às línguas que lhe deram origem.

Segundo Couto (1996), a forma **pidginizada** pode levar à **crioulização**, como ocorreu com o francês no Haiti e na Ilha Maurício e com o português na Guiné-Bissau, entre outras situações. A principal hipótese da crioulização é de que o crioulo é um pidgin, nascido a partir do contato entre povos que não conhecem a língua do outro, que se tornou língua materna (**nativização**). A outra é de que haverá o crioulo se o pidgin passa a ser língua principal de uma comunidade (**comunitarização**). Para Couto (1993, p. 91-92), só podemos afirmar que há um crioulo quando este é um pidgin nativizado, isto é, estabilizado em uma comunidade.

Segundo Philip Baker (*apud* Couto, 1996), o crioulo surge da necessidade de comunicação, portanto através de uma evolução lenta e gradual, e não de uma aprendizagem imperfeita da língua do povo dominante. Essa teoria é chamada de “criativista”. Portanto, os crioulos têm diferença social por conta de sua formação sócio-histórica específica, mas do ponto de vista linguístico é uma língua, dialeto ou falar como qualquer outro (COUTO, 1996, p. 17).

Para Couto (1996), os crioulos são, com efeito, línguas mistas, constituídas de léxico das línguas europeias – superestrato – e de gramática das línguas africanas³ – substrato. Ainda

³ Sabe-se que os crioulos não são formados apenas a partir da língua africana, mas também da língua chinesa como o crioulo macaense.

segundo Couto (2002, p. 227), o processo de formação das línguas crioulas e pidgins não pode ser considerado inteiramente como aleatório e caótico, visto que a hipótese da relexificação “prevê que os formadores dessas línguas, em situação de multilinguismo, pegam o significante (ou parte dele) da língua dominante e o associam a significados e possibilidade combinatórias de suas próprias línguas”.

No entanto, pela pesquisa de campo em Aceguá, é perceptível que o falar fronteiriço não é ininteligível, nem é tão indefinido que não se possa claramente notar que se trata de uma variedade do português. Para os falantes da fronteira, talvez, a distinção não esteja tão clara entre o português que eles realmente falam e outros tipos de denominações que não refletem bem a realidade, por conta da insegurança linguística e da estigmatização do falar local, mas, quando se conversa com eles, nota-se que há um bilinguismo pleno e que o português uruguaio tem grande proximidade com outras variedades do português brasileiro.

Dessa forma, os indivíduos sempre se comunicaram e se entenderam bem na fronteira e pertencem à mesma comunidade de fala (baseada na concepção de Labov (1972a) e Scherre (2006)), ainda que dividida politicamente ao meio, pois compartilham normas linguísticas (em grande parte no caso do português) e sociais. Posto isso, a língua em comum dos dois lados da fronteira é o português, falado como língua materna por ambos os povos. A nosso ver, nunca houve uma terceira língua na região e não há indícios também de que houve na fronteira alguma espécie de *pidgin* ou crioulo como cogitou Rona (1963). As evidências são a existência histórica do português na região, o bilinguismo dos uruguaiois, a convivência pacífica dos povos e das línguas etc.

Interlecto

Hensey (1969) associou o português da fronteira às denominações interlíngua e *interlecto*. Nesse mesmo ano, Selinker (1969) também aborda sobre interlíngua, mas relacionada à aquisição de segunda língua, e não ao bilinguismo social do contato de línguas. Com isso, o autor traz o conceito de transferência linguística para o âmbito da interlíngua no sentido de que a língua materna é uma fonte linguística para o desenvolvimento da interlíngua durante o processo de aquisição de uma segunda língua, mas não só em matéria de interferência negativa, como também de transferência positiva por representar um sistema seguro que o aprendiz possui como base para elaborar hipóteses acerca do funcionamento da língua-alvo. Assim, Selinker (1969) desmistifica a ideia de que a língua materna é apenas fonte de erros na

aquisição de uma L2, e, por isso, o termo interferência linguística cede lugar para a transferência negativa ou positiva.

Nesse mesmo sentido, o Dicionário de linguística aplicada y enseñanza de lenguas (RICHARDS, PLATT Y PLATT, 1997, p. 419) estabelece que transferência linguística é o efeito de uma língua na aprendizagem de outra. Esclarece que poderia haver transferência negativa, que é o uso de uma construção ou regra de uma língua materna que conduz a um erro ou forma inapropriada na língua-alvo. A transferência positiva é a que facilita a aprendizagem.

O conceito de interferência/transferência está vinculado à versão forte da análise contrastiva (AC), segundo a qual a língua materna seria a primeira e única causa das dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira e dos erros produzidos pelos aprendizes nesse processo. Daí a convicção de que todos os erros podiam ser prognosticados, identificando as diferenças entre a língua materna e a língua objeto de aprendizagem. Todavia, as pesquisas empíricas mostraram que a interferência da língua materna não explica a maioria dos erros dos aprendizes.

Para essa discussão, é pertinente salientar a observação de Fernandez (1997, p. 16) contra a equação contrastiva de que quanto “maior diferença entre as línguas, maior dificuldade e, portanto, maior número de erros por interferência”. É importante lembrar que o conceito de diferença é linguístico e o de dificuldade é cognitivo. Assim, essa autora aponta que a sua pesquisa “mostrou reiteradamente que a interferência se verifica preferentemente quando os paradigmas da língua-alvo permitem uma estrutura semelhante à da LM [...]” (p. 16). Em outras palavras, a interferência acontece mais frequentemente entre aquelas línguas e estruturas linguísticas percebidas pelo aprendiz como sendo mais próximas, e não o contrário. Seria o caso do par espanhol/português brasileiro.

De forma geral, a caracterização de uma língua materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a primeira língua adquirida, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia a dia, a língua predominante na sociedade, a língua de melhor *status* para o indivíduo, a língua que ele tem mais fluência, a língua com a qual ele se sente mais à vontade. Todos esses aspectos são decisivos para definir uma L1 como tal (SPINASSÉ, 2006, p.5).

A aquisição de uma primeira língua ou da língua materna faz parte da formação do cidadão, pois à competência linguística se somam valores subjetivos e sociais, tais como a língua materna, a origem do falante e o uso diário.

De acordo com o *Diccionario de lingüística aplicada y enseñanza de lenguas* (RICHARDS, PLATT & PLATT, 1997), língua estrangeira é a língua não nativa de um país que é estudada para a comunicação com estrangeiros ou para a leitura nessa língua. Os autores fazem uma distinção entre língua estrangeira e segunda língua no sentido de que a primeira “é ensinada na escola, mas não é usada como língua veicular ou como língua de comunicação no país [...]” [enquanto a segunda] “é uma língua nativa num país que é aprendida nele por pessoas que têm outra primeira língua” (1997, p. 241). Eles definem primeira língua como sendo “a língua materna de uma pessoa, a primeira que se adquire [...]” (1997, p. 330). Para Leffa (1998, p. 212):

Uma distinção que também precisa ser feita refere-se aos termos segunda língua e língua estrangeira. Temos o estudo de uma segunda língua no caso em que a língua estudada é usada fora da sala de aula da comunidade em que vive o aluno (exemplo: situação do aluno brasileiro que foi estudar francês na França). Temos língua estrangeira quando a comunidade não usa a língua estudada na sala de aula (exemplo: situação do aluno que estuda inglês no Brasil). Para os dois casos usa-se aqui, como termo abrangente, a sigla L2.

Com relação à língua estrangeira, o conceito de interlíngua coloca o aprendiz como construtor de seu próprio sistema gramatical e postula que seu progresso se dá através de diferentes estratégias, algumas baseadas em sua L1, umas no seu desejo de comunicar-se e outras que podem apoiar-se na Gramática Universal.

A estrutura psicológica latente é um termo para descrever uma estrutura que permaneceria disponível no cérebro do indivíduo para desenvolver a L2, ou seja, seria um dispositivo biológico, parecido com a gramática universal de Chomsky, que ficaria ali apenas para a aquisição de língua estrangeira ou de uma gramática particular. Segundo Selinker (1972, *apud* Liceras, 1992, p. 79), apenas 5% dos adultos chegam a dominar uma L2 como um nativo. A grande maioria jamais chegará a esse estágio, ou seja, percorrerá o *continuum* da interlíngua e apenas esses 95% ativam a estrutura psicológica latente.

Para Selinker (1972, p. 86), o aprendiz constrói sua interlíngua por meio de cinco processos psicológicos principais e inconscientes:

- i. A transferência linguística – resultado de transferências da língua materna;
- ii. A transferência de instrução – resultado de processos de instrução tais como: metodologia, material didático, quantidade e qualidade das amostras de língua-alvo etc;

- iii. As estratégias de aprendizagem da língua alvo – resultado da relação entre aluno e materiais didáticos;
- iv. As estratégias de comunicação na língua alvo – presentes nas tentativas do aluno para comunicar-se com nativos;
- v. A generalização das regras da língua alvo – produto de hipergeneralizações das regras e traços semânticos do material linguístico da língua alvo, ou seja, aplicação de regras em contextos que um falante nativo não as usaria.

Nesse sentido, “uma situación interlingüística se define como uma combinación específica de LM, LO e IL⁴” (SELINKER, 1972, p. 99), o que não significa que devemos conceber a interlíngua como uma mistura aleatória dos sistemas em contato. Assim, as identificações interlingüísticas que unem psicologicamente os três sistemas se ativam em uma estrutura psicológica latente quando o indivíduo produz orações da língua alvo (SELINKER, 1972, p. 90).

Nessa perspectiva, o portunhol não deveria ser considerado como interlíngua ou sistema transacional (SELINKER, 1972), mesmo se tratando de um fenômeno linguístico individual. Portanto, o portunhol não é uma língua específica no sentido social da palavra, mesmo porque pode apresentar certas idiosincrasias para um dado falante e não apresentar para outro, ou seja, seria muito mais idioletal do que dialetal. A interlíngua já é sistêmica, com ordenação linguística e social, tem regras linguísticas próprias, ainda que mude constantemente, seja individual e específica de cada aprendiz também.

Uma das características da interlíngua é a construção de um sistema com regras morfológicas, sintáticas e fonéticas próprias, criada pelo aprendiz no processo de aquisição de uma língua estrangeira ou de uma segunda língua. Nemser (1971) denomina interlíngua como um sistema aproximado e o descreve como sistema linguístico desviante empregado pelo aluno que tenta usar a língua meta. Corder (1971) o chama de dialeto (isto é, sistema) idiosincrático ou transicional (dada a sua instabilidade) e esclarece que o dialeto pode ou não refletir o comportamento de um grupo social. Selinker (1972) deixa claro que se trata de um "sistema linguístico independente", regular, sistêmico e também instável presente nas produções (orais e escritas) dos alunos. O caráter sistêmico da interlíngua também é reconhecido e reforçado por Tarone (1983) no seu estudo sobre a variabilidade desse sistema.

⁴ LM – Língua Materna; LO – Língua Objeto ou Alvo; IL – Interlíngua.

Segundo Corder (1971), o aprendiz de L2 não começa a desenvolver sua interlíngua com sua L1, mas com uma versão altamente simplificada daquela, algo como uma memória dos primeiros estágios de aprendizagem da L1. Este sistema básico daria ao aprendiz suas primeiras hipóteses (consideradas por alguns linguistas como as regras universais que estão nas bases de todas as línguas).

Assim, para Corder (1971, p. 63), o dialeto idiossincrático seria a interlíngua ou o dialeto transacional, que se refere a sistemas cujas gramáticas compartilhem regras com outras gramáticas, mas também tem suas regras próprias que não são de uma, nem de outra língua, mantendo certa regularidade e sistematicidade.

O termo interlíngua, portanto, insere-se melhor no âmbito da aquisição de segunda língua para explicar o período intermediário de aquisição de outro idioma como uma prática individual.

Portunhol

Muitas áreas de pesquisa como a antropologia social entendem ou aplicam o termo “portunhol” de maneira equivocada. No texto de Hartmann (2003, p. 291), o “portunhol” é visto como a linguagem das classes menos favorecidas ou do meio rural, enquanto o monolingüismo é visto como pertencente a classes mais favorecidas, de maior grau de instrução, como se pode observar na citação a seguir:

Ao contrário de Dona Araceli, no entanto, que passou a vida em Moirones, localidade bastante próxima da fronteira com o Brasil, Tomazito morou durante vários anos na capital do país, onde completou seus estudos, daí a diferença nas formas de expressão dos dois: D. Araceli utiliza o “portunhol” (onde novamente a metáfora “entreverado” aparece, referindo a mistura de idiomas), enquanto Tomazito privilegia o espanhol. Percebe-se com esses dois exemplos que as diferentes regras de fala utilizadas podem ser relativas à origem social do narrador (Tomazito é estancieiro, D. Araceli é lavadeira) mas sobretudo ao grau de instrução e à moradia no campo ou na cidade (a frequência de uso e de aceitação do “portunhol” é muito maior no meio rural). (HARTMANN, 2003, p.291).

Percebe-se, portanto, que o diálogo da Sociolinguística com outras áreas sociais e vice-versa é de fundamental importância para o entendimento mais completo das questões linguísticas. Nesse caso, sabe-se que o portunhol pode ser utilizado para fins comerciais, no caso de situações fronteiriças, independe da classe social do falante, visto que, inclusive, é um fenômeno idioletoal, e nem sempre pode ser associado à instrução ou moradia do falante.

Entendemos como portunhol, portanto, a tentativa comunicativa de parte de falantes monolíngues em espanhol ou português na base perceptiva de que a semelhança entre ambas as línguas permite um alto grau de intercompreensão. Pode ser episódico e esporádico, ou seja, só acontece em determinadas situações. Segundo Fernández e Roth (2007, p. 77), “la denominación *portuñol* se aplica más propiamente a la mezcla de las lenguas española y portuguesa producida por desconocimiento de alguna de ellas o como consecuencia de un aprendizaje deficiente”.

Já o português uruguaio é uma variedade linguística falada como língua materna pelos uruguaios há séculos, o que pressupõe também um processo de construção linguística em que intervêm fatores históricos e identitários.

Mota (2012, p. 130) afirma que "o português do Uruguai (que neste trabalho tratamos como portunhol) é, então, uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira [...]". Faulstich (1997, p. 3, 6 e 9) também admite que o português ou o fronteiriço do sul do Brasil pode ser denominado portunhol ou variedade mista. Adiante a autora afirma que o contato linguístico na fronteira Brasil-Uruguai resulta numa nova língua.

Todavia, em nosso trabalho, não concordamos com a associação do portunhol, da interlíngua ou do *pidgin* ao que se fala, em geral, na fronteira por algumas razões:

- i. O portunhol não é língua, pois não é uma variedade falada como língua materna, mas apenas uma tentativa de comunicação temporária entre monolíngues.
- ii. Estamos fazendo a diferenciação social e linguística entre portunhol e português uruguaio, uma vez que o primeiro seria uma comunicação momentânea, e o segundo a variedade linguística realmente falada como língua materna pelos uruguaios da fronteira;
- iii. Quando há bilinguismo social, ou seja, quando há a convivência partilhada na comunidade de línguas maternas adquiridas, já não se pode falar de interlíngua nem de portunhol, como é o caso dos uruguaios que falam português e espanhol como língua materna na fronteira;
- iv. O português e o espanhol na fronteira são adquiridos pelos uruguaios, diferentemente do portunhol, que é um código apenas para uma comunicação rápida, e da interlíngua, que é aprendida como L2 ou língua estrangeira dentro de um bilinguismo individual;

- v. Contrariamente à realidade da fronteira, a ideia da interlândia se baseia na crença de que um aprendiz de L2, em qualquer momento particular de sua sequência de aprendizagem, usa um sistema linguístico que não é nem a L1 nem a L2, ou seja, é simplesmente um sistema intermediário entre L1 e L2, que vai avançando segundo o nível da competência em L2 aumenta.
- vi. Portunhol e *pidgin* não são sinônimos, porque *pidgin* é um meio de comunicação que surge quando há contato de línguas mutuamente ininteligíveis durante muito tempo (COUTO, 2009, p. 99). Além disso, pode tornar-se um crioulo e, portanto, língua materna. No caso do portunhol, ambas as línguas são inteligíveis, o contato não precisa ser duradouro e jamais será língua materna de alguma comunidade.

Ainda há outras nomenclaturas sobre o “falar” da fronteira, caracterizadas por alguns estudiosos precursores dos estudos fronteiriços, como é o caso do *fronterizo*, DPU (dialetos portugueses do Uruguai) e PU (português uruguaio), que serão vistos adiante.

Fronteiriço

Na próxima obra de Hensey (1972), ele parte do conceito de *interlecto* para o de *fronterizo*. Uma passagem importante na sua obra (1972, p. 77) é quando há o reconhecimento de que a fonologia do dialeto do português pode ser descrita diferentemente do português e do espanhol padrão. Nesse sentido, comparando os três sistemas, o autor afirma que *fronterizo* pode ser derivado do português padrão remodelado, em contato com o espanhol.

Em vários outros trechos do livro, o autor nos deixa confusos sobre o que seria de fato o *fronterizo*. Hensey (1972, p. 78) iguala fronteiriço ao português menos padrão e diz que o *fronterizo*, de base portuguesa ou espanhola, seria a língua de alguns uruguaioes que não são bilíngues. Depois afirma que é difícil distinguir *fronterizo* do português imperfeito.

A dicotomia feita pelo autor é que o português de bilíngue seria falado pela classe média, e o *fronterizo* seria falado primeiro pela classe trabalhadora, supostamente monolíngue. Essa realidade descrita na época de Hensey é muito distinta da que presenciamos em Aceguá, uma vez que grande parte da comunidade uruguaia da fronteira é bilíngue, independentemente de classe social.

Outra observação importante que fazemos é sobre o cuidado com termos pejorativos que não traduzem a realidade linguística da fronteira, como as adjetivações de “português remodelado” (HENSEY, 1972, p. 77), “português imperfeito” (HENSEY, 1972, p. 78), “problema de linguagem” (ELIZAINCÍN, 1992, p. 90). Essas terminologias possuem um juízo de valor que deve ser evitado em estudos científicos sobre a língua.

Com relação à nomenclatura do falar da fronteira, Elizaincín, Behares, Barrios (1987, p. 12-13) retomam o conceito de *fronterizo*, proposto por Rona (1963) e Hensey (1972), e distinguem-no do *portunhol*:

“Portuñol” es la designación más neutra que puede oírse de miembros cultos de la comunidad urbana. Ha sido construída en base a otros términos similares tales como “franglais” o “spanglish”. “Fronterizo” designa a las hablas en base a la geografía dialectal; ha sido usado en publicaciones científicas, por ejemplo por José P. Rona y también (sin traducir) por F. Hensey en sus múltiples aportes al tema. Sin embargo, ha tomado también connotaciones peyorativas, motivo por el cual (aparte el hecho de que la designación es demasiado amplia: en realidad cualquier lenguaje que surja y se use en una frontera es un “fronterizo”) no lo hemos usado en general en nuestros trabajos sobre el tema.

Entretanto, a distinção entre *portunhol* e *fronterizo* não parece ser tipológica, ou seja, parece que estes termos se referem a mesma coisa, mas com nomes diferentes dados por grupos diferentes. Como o *fronterizo* de Rona e Hensey também era associado a dialeto misto e, portanto, à pidginização, o que houve foi apenas uma mudança de nomenclatura sem alteração de seu significado, ou seja, sem mudar a concepção do que se entendia por esse falar na fronteira.

DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai) e pré-pidgin

Nessa mesma obra de 1987, por considerarem esses termos pejorativos, Elizaincín, Behares, Barrios modificam a denominação *fronterizo* para *Dialectos Portugueses do Uruguai (DPUs)*, caracterizados assim por terem a base morfossintática portuguesa.

Ao denominar os DPUs, Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 25) novamente inserem-nos em um *continuum* pré-pidgin, o que não se sustenta, pois os próprios autores afirmam que os pré-pidgins são efêmeros. Se os DPUs têm séculos de existência, é, no mínimo, inconsistente que os autores classifiquem os DPUs como pré-pidgin, já que seriam efêmeros. A condição de repressão social pode explicar a lenta evolução (transformação) dos DPUs.

Novamente, o que se observa é uma mudança apenas na terminologia, mas a concepção de um pré-pidgin ou de uma mistura de línguas permanece igual. Se um pidgin por si só não é língua materna de ninguém, muito menos o pré-pidgin o será.

Em Aceguá, se escuta bastante a nomenclatura de DPU dentro das escolas uruguaias, na tentativa de não mais se usar a denominação *portunhol*, por conta do seu caráter estigmatizado e popular. Entretanto, o termo *portunhol* ainda é reproduzido por muitos membros da comunidade local, e não somente por membros cultos da comunidade urbana como afirmavam Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 12).

Sturza (2005) também questiona a classificação linguística e discute a criação de uma terceira língua como uma das práticas linguísticas da população fronteiriça, que incluem o portunhol e os DPUs.

Nessa fronteira, do Rio Grande do Sul com os países da bacia do rio da Prata, sobretudo na zona fronteiriça do Brasil com o Uruguai, há ainda uma terceira "língua", que não é nativa, não é a do imigrante, não é a do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteiriça e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território lingüístico da outra.

Essas práticas foram designadas de dois modos: o portunhol – que abrange uma maior extensão de contato, ainda que com caracterizações discutíveis e pouco definido enquanto fenômeno de contato linguístico, e os DPUs – Dialetos Portugueses do Uruguai –, que gozam de um reconhecimento maior, de pesquisas e estudos regulares da linguística internacional. (STURZA, 2005, p. 48).

Como já argumentamos, a realidade da fronteira é do português e do espanhol como línguas maternas, e não de uma terceira língua diferentemente do português e do espanhol. Além disso, o português uruguaio já é reconhecido pelo Uruguai, ainda que seja o espanhol a língua nacional e utilizada pelo Estado. A constituição uruguaia não indica o espanhol como língua oficial, mas se refere ao espanhol como a língua nacional (CARVALHO, 2008, p. 65).

Na segunda parte da citação de Sturza (2005, p. 48), não fica claro se o portunhol e os DPUs fazem parte dessa terceira língua e qual a diferença de fato entre os dois termos. Essas definições de língua vêm-na apenas como sistema, ora de regras interacionais, ora de regras sistêmicas.

Na fronteira Brasil-Uruguai, especialmente em Aceguá, a maioria dos falantes uruguaios são bilíngues. Por isso, do ponto de vista linguístico e científico, não se pode confundir o portunhol com o português da fronteira, porque o português falado no Uruguai, especificamente em Aceguá, é língua materna e existe há mais de três séculos, pois se trata de

comunidades bilíngues que falam o português e o espanhol, uma vez que o contato linguístico é estável. No caso do portunhol, seria uma tentativa de monolíngues de se comunicarem, especialmente em situações comerciais na fronteira.

Assim sendo, existe um senso comum associado à existência do portunhol que sempre esteve vigente, e os próprios moradores da fronteira se identificam com esses discursos veiculados pela população em geral e também pela mídia. Com relação aos meios midiáticos, Carvalho (2008, p. 66-67) já havia estudado a influência da televisão sobre a urbanização do português uruguaio a partir da “atitude dos falantes em relação às culturas ao seu redor que permite que a televisão se torne uma fonte útil de modelo linguístico”.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 12) já registravam algumas maneiras pelas quais os falantes se referiam à variedade local deles como *Brasileiro* (em toda a zona fronteira entre Brasil e Uruguai), *Bayano e Carimbão* (especificamente no departamento de Tacuarembó). As nomenclaturas *portunhol*, *entreverado*, *mistura* são bem recorrentes na fala dos aceguaenses também, como a de um jovem uruguaio, filho de pai brasileiro e mãe uruguaia, que, ao ser questionado se a mãe falava o português, responde:

1. *Fala, fala pouco, entreverado, um portunhol mais entreverado, porque em realidade não falemo português, português... é um portunhol.*

O próximo exemplo é de um senhor uruguaio que fala sobre a dificuldade que tem nas duas línguas, português e espanhol, tanto na fala como na escrita, diferentemente de seus filhos brasileiros.

2. *Isso aqui, a cultura é mais ou menos a mesma, de toda a gente se confunde. Pra nós, não temos... vocês que vêm de longe podem notar a diferença, mas pra nós, a gente criou um dialeto pra falar, a gente fala portunhol, não fala nem espanhol nem português. Eu, por exemplo, hoje, não consigo escrever nenhuma das duas línguas de forma correta. Eu não escrevo nem português correto, nem espanhol. Eu faço uma mistura, eu troco o C pelo Z, eu troco... nós no espanhol não temos Ç. Eu estou reaprendendo com eles, eles que estão me ensinando, porque eles estão indo, eles são uruguaios, mas estudam em escola brasileira, então a [...] que já está na oitava série, que eu pergunto: como escreve tal coisa? Como é que escreve tal outra? Porque pra mim [...]*

Ainda que boa parte dos falantes tenha domínio do português, percebe-se que há certa insegurança linguística entre os uruguaios falantes de português na fronteira. Assim, para não se comprometerem em dizer que falam português, porque são conscientes de que em vários casos não é um português padrão, eles preferem chamá-lo de portunhol. Esses depoimentos nos dão indícios de ser uma fala desprestigiada pela comunidade, porque há constantemente uma conotação inferior da fala local, que não é nem o espanhol nem o português, como eles

gostariam que fosse, mas sim uma “mistura” das duas línguas, como eles mesmos se referem à variedade linguística da fronteira.

PU – Português Uruguaio

Diante de todas essas tentativas de designar o falar da fronteira, torna-se crucial a denominação *português uruguaio* proposta por Carvalho (2003), que afirma que a percepção da mistura é mais ideológica do que real ou científica. Segundo a autora, do lado brasileiro, fala-se o português do Rio Grande do Sul e do lado uruguaio fala-se o espanhol e o português, sendo o português uruguaio um contínuo que oscila num *continuum* entre o português culto urbano e o português não culto rural. Portanto, o português uruguaio não é uma língua diferente, tendo em vista que os dialetos falados na fronteira são variedades de português e de espanhol. A respeito da urbanização do PU, Carvalho (2008, p. 65-66) confirma que

a urbanização que sofreram as comunidades fronteiriças na última metade do século XX tem permitido uma maior receptividade e sensibilidade ao português brasileiro urbano (PB), a variedade falada no país vizinho, o que tem causado o PU local a mover-se na direção do dialeto mais prestigiado. Esta tendência pode ser vista através da incorporação de novas variantes fonológicas na fala de certos grupos, que, ao emprestar formas do PB urbano, iniciam uma mudança linguística desde variantes extremamente estigmatizadas do PU a variantes urbanas brasileiras, as quais se assemelham mais ao padrão ideal. A urbanização do PU, desta maneira, força um movimento na direção contrária de sua origem híbrida e rural, caminhando em direção à assimilação de características linguísticas que são estereotipicamente brasileiras, como resultado do desejo de emular aos falantes das comunidades urbanas monolíngües do Brasil, cujo dialeto é mostrado diariamente na televisão.

Posto isso, o português uruguaio falado pelos bilíngües uruguaio, nas zonas mais urbanas, é parecido com o português brasileiro, porque foi urbanizado. O português uruguaio rural é um dialeto falado nas zonas rurais, que corresponderia, portanto, ao "fronterizo" de base portuguesa de Rona (1963) (CARVALHO, 2003).

Assim, acreditamos que os estudos sobre a variedade do português no Uruguai podem ser divididos em antes e depois da designação de haver no Uruguai uma variedade linguística legítima do português, como existe em todas as regiões brasileiras e em outros países de língua portuguesa. Essa classificação proposta por Carvalho (2003) foi fundamental para analisar os estudos fronteiriços e legitimar de fato a realidade linguística existente na fronteira entre Brasil e Uruguai.

A partir do trabalho de linguistas nas fronteiras entre Brasil-Uruguai, com Carvalho (2003b e 2008), Meirelles (2006, 2009 e 2011) e Waltermire (2006) em Rivera, Douglas (2004) em Artigas, Amaral (2008) em Chuí e Pacheco (2013) em Aceguá, o português uruguaio, falado por comunidades bilíngues, é caracterizado por (1) fenômenos linguísticos do português rural e não padrão brasileiro, porque mesmo o português uruguaio mais urbanizado ainda tem elementos do português rural e (2) empréstimos e *code-switching* do espanhol.

É importante analisar que tipo de variação linguística ocorre em situações de contato de línguas, porque os padrões variáveis podem nos mostrar até que ponto as gramáticas variáveis são permeáveis. Além disso, é uma prática comum, apesar de equivocada, confundir variantes não padrão com variantes de contato (POPLACK, 1993).

No caso do português uruguaio de Aceguá, os fenômenos identificados nas entrevistas são comuns ao português brasileiro gaúcho da fronteira e, também, às variedades monolíngues do português brasileiro de forma geral. Assim, há indícios linguísticos de que o português uruguaio é, de fato, uma variedade do português brasileiro.

Entre os fenômenos comuns do português brasileiro de outras regiões do Brasil⁵, temos exemplos variáveis semelhantes na morfologia e na sintaxe do português de Aceguá como um todo, tanto dos brasileiros quanto dos uruguaio de nossa amostra. Nos exemplos do português brasileiro de Aceguá, os dados são de um homem, adulto, brasileiro e com ensino superior. No exemplo do português uruguaio (PU) de Aceguá, os dados são de um homem, jovem, uruguaio e com ensino médio.

- Ausência de marcador plural em algum elemento do sintagma nominal.

PB: *Os despacho que tu assinar tu não pode levar multa.*
PU: *As pessoa mais veia assim ... não te fala o português.*

- Pronúncia como semivogal do fonema lateral palatal *lh*, semelhante ao português de áreas rurais.

PB: *Tô trabaiano...*
PU: *Uma pessoa veia...*

- *Mim* seguido de preposição na posição de sujeito da segunda oração.

PB: *E eles me pediram para mim mandar a gravação.*
PU: *É, sim, depois legalizei para mim poder trabalhar do lado brasileiro.*

⁵ Carvalho (2003, p. 132-133) descreve alguns desses fenômenos (3, 4, 6, 8) e outros mais que ocorrem no português fronteiriço de Rivera, no Uruguai.

- Pronomes retos em lugar de clíticos

PB: *Pegaram ele, acharam a pessoa certa.*

PU: *A [...] vai colocar ele lá.*

- Uso de “tu” alternando com “você⁶” juntamente com a ausência da flexão verbal quase categórica nas entrevistas.

PB: *Aí tu bota água morna aqui, a morna, e aí deixa inchar.*

PU: *Tinha ido jogar na Colônia, não sei se tu conhece.*

PB: *Mas agora para entrar no Uruguai, você tem que pagar, no mínimo, cinquenta, não me lembro, entre cinqüenta e sessenta reais numa carta verde.*

PU: *Não sei o que mais Cíntia. Eu tenho que començar agora no meu programa. Você quer escutar um pouquinho o programa?*

- Substituição do sufixo de primeira pessoa do verbo da primeira conjugação por *-emo*, semelhante ao português de áreas rurais.

PB: *Nós falemo as duas coisa* (tempo presente).

PU: *Nós viajemo uma vez, ano retrasado, a quatrocentos e pico quilômetros daqui, e falando assim, pensando que nós era um deles e coisa...* (tempo passado)

- Uso de *a gente* como primeira pessoa do plural

PB: *Então vem o cliente, a gente apresenta a mercadoria, libera a mercadoria, e aí é a aprovação do fiscal, se ele carimbou tu ta aprovado.*

PU: *Então, a gente sempre viveu mais ou menos por aqui né.*

O português da fronteira, tanto do lado brasileiro quanto uruguaio, também se assemelha bastante ao português de áreas rurais do Brasil, principalmente nos exemplos “*trabaiando*” e “*nós joguemo*”. O exemplo de segunda pessoa do singular, com ausência da flexão verbal correspondente ao “tu”, é semelhante ao que ocorre na maior parte do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os demais exemplos acima também são facilmente encontrados em outras variedades brasileiras.

Portanto, o português uruguaio e o português brasileiro dialogam entre si e são semelhantes em vários aspectos linguísticos, como os exemplos citados acima, que ocorrem em diversas variedades do português brasileiro.

Como não foram encontradas diferenças sistemáticas que justificassem diferentes dialetos, pode-se dizer que há continuidade (ou *continuum*) dialetal entre as duas variedades linguísticas (português uruguaio e português brasileiro) ao longo da fronteira Brasil-Uruguai, conforme previsto por Carvalho (2003b e 2008). Meirelles (2006, 2009 e 2011) mostra que há

⁶ Nas entrevistas de Aceguá, há poucos dados de “você”.

um só inventário fonológico nos dois lados da fronteira, e Pacheco (2013) confirma a continuidade ao detectar o pronome *a gente* no português uruguaio.

Assim, português uruguaio é o português falado como língua materna por uruguaios bilíngues na zona fronteira. O português brasileiro da fronteira seria o português falado pelos brasileiros do lado do Brasil em Aceguá, que faz parte do português gaúcho, do extremo sul.

Em termos políticos, faz toda a diferença designar um falar como língua ou uma variedade linguística, porque permite colocar as línguas em pé de igualdade e importância (CARVALHO, 2006). Por isso, a designação de português uruguaio proposta por Carvalho (2003) foi uma ruptura importante no contexto atual. Como já dizia Max Weinreich, pai de Uriel Weinreich, “língua é um dialeto com exército e marinha”, o que corrobora a discussão sobre a influência política e ideológica da noção de língua.

Considerações finais

Em suma, vimos que o português falado em ambos os lados da fronteira apresenta fenômenos prototípicos de situações de bilinguismo, como empréstimo lexical, *code-switching* e escolha de línguas. Há fenômenos linguísticos variáveis comuns ao português brasileiro como um todo e ao português uruguaio da fronteira de Aceguá, tais como a alternância *nós* e *a gente* em contexto de primeira pessoa do plural.

Todos esses processos são típicos e produtivos quando há duas ou mais línguas em contato. Como a amostra é oriunda de uma região fronteira, é imprescindível ter uma visão de conjunto do que pode acontecer linguística e socialmente em uma variedade linguística que está em contato com outra.

O reconhecimento científico e linguístico do português uruguaio como língua materna do Uruguai também foi consequência da luta constante e da participação recente de linguistas em comissões de educação no Uruguai voltadas para a inserção do ensino bilíngue nas escolas uruguaias, em período integral. Portanto, a década de 2000 é marcada por um verdadeiro reconhecimento educacional da variedade do português brasileiro falada no Uruguai (CARVALHO, 2006).

Referências

- AMARAL, Tatiana Ribeiro do. *Una comunidad de habla, dos comunidades de lengua: la alternancia de códigos como signo de identidad en la frontera brasileño-uruguayo*. 2008. Tese (Doutorado em Lengua Española y Lingüística General) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- BARRIOS, Graciela; BEHARES, Luis, ELIZAINCÍN, Adolfo. *Nos falemo brasileiro: Dialectos portugueses em Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- BEHARES, Luis E. *Breves noticias sobre el Portugués de Uruguay*. (inédito), 2010.
- CARVALHO, Ana Maria. I speak like the guys on TV: Palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language Variation and Change*, n. 16, p. 127-151. 2004. [Tradução brasileira: “Eu gosto do jeito da Globo falar português’: Palatalização e urbanização do português uruguaio”] In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo (eds.). *Español y portugués: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas-RS: Educat, 2008.
- _____. Políticas lingüísticas de séculos passados nos dias de hoje: O dilema sobre a educação bilíngüe no norte do Uruguai. *Language Problems & Language Planning* 30 (2), 2006. p. 149-171.
- _____. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista internacional de lingüística iberoamericana*, n. 2, p. 125-149, 2003.
- _____. Spanish (s) aspiration as a prestige marker on the Uruguayan-Brazilian border. Amsterdam: Spanish in Context, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 85-114.
- _____. The Sociolinguistic Distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: A case of dialect diffusion. In: MONTRUL, S.; ORDÓÑEZ, F (Eds.). *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Languages*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003. p. 30-44.
- CORDER, S. P. Dialectos idiosincrásicos y análisis de errores. In: LICERAS, Juana Muñoz. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor Lingüística y Conocimiento, 1992. p. 63-77.
- COUTO, Hildo Honório. *Contato português-espanhol na fronteira Brasil-Uruguai*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *Hipótese da relexificação na gênese dos crioulos e pidgins*. *Revista da ABRALIN*, v. 1, n. 1, p. 221-250, jul. 2002.
- _____. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- _____. Sobre o conceito de comunidade surda. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez. 2005.
- DOUGLAS, Kendra Lynne. *Uruguayan portuguese in Artigas: tri-dimensionality of transitional local varieties in contact with Spanish and Portuguese standards*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Wisconsin-Madison.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto: Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A., L. BEHARES y G. BARRIOS. *Nós falemo brasileiro*. Dialectos portugueses en el Uruguay. Montevideo, Amesur, 1987.

FAULSTICH, Enilde. *O portunhol é uma interlíngua?* Seminário apresentado no Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona, em 21 de abril de 1997.

FERNANDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.

HARTMANN, Luciana. A circulação de narrativas orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. In: COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Villela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Orgs.). *Estudos fronteiriços*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

HENSEY, Frederik Gerald. O sociolinguismo da fronteira sul. *Letras de hoje*, n. 3, p. 107-116. 1969.

_____. *The sociolinguistics of the Brazilian Uruguayan border*. La Haya: Mouton, 1972.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEFFA, V. J. Metodologia no ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em Lingüística Aplicada: O Ensino de Línguas Estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MEIRELLES, Virginia. *Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

_____. *Elementos de fonética do português falado no Rio Grande do Sul*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília.

_____. O português da fronteira Brasil-Uruguai. In: CARVALHO, Ana Maria. *O português em contato*. V. 2. Madrid/Frankfurt: Editora Vervuert/Iberoamericana, 2009. (Série Linguística Luso-Brasileira). p. 257-275.

MOTA, Sara dos Santos. Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite no Norte. *Abehache*, São Paulo, ano 2, n 3. jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache_n3/127-144.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2014.

NEMSER, W. Approximative systems of foreign language learners. *Iral*, v. IX, n. 2, p. 115-123, 1971.

PACHECO, Cíntia da Silva. Primeiras reflexões sobre o português fronteiriço de Aceguá. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; SALLES, Heloísa; PACHECO, Cíntia da S. (orgs). *Variação, mudança linguística e educação: Contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Brasília: Pontes Editores, 2013. (Linguagem e Sociedade).

POPLACK, Shana. Variation theory and language contact. *American Dialect Research*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1993.

RICHARDS, J. C.; PLAT, J; PLAT, H. *Diccionario de lingüística aplicada y enseñanza de lenguas*. (Versión española de Carmen Muñoz Lahoz y Carmen Pérez Vidal). Barcelona: Ariel, 1997.

RONA, José Pedro. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. *Veritas*, v. 8, n. 2, p. 201-221, 1963.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. v. 11. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. p. 716-722.

SELINKER, L. La interlengua. In: LICERAS, Juana Muñoz. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Visor Lingüística y Conocimiento. Madrid: Editora, 1992. p. 79-101. Traducción de "Interlanguage". *International Review of Applied Linguistics*, 10, 1972. p. 209-23.

_____. Language Transfer. *General linguistics*, v. 9, 1969. p. 67-92.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil. In: *Revista contingentia*, v. 1, n. 1, 2006. p 01-10.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e cultura*, São Paulo, vol. 57, n. 2, São Paulo, 2005.

TARONE, E. *On the variability of interlanguage systems*. *Applied Linguistics*, vol. 4, n. 2, 1983. p. 142-164.

WALTERMIRE, Mark. *Social and Linguistic Correlates of Spanish-Portuguese Bilingualism on the Uruguayan-Brazilian Border*. The University of New México, Albuquerque, New Mexico, 2006.

_____. *The differential use of Spanish and Portuguese along the Uruguayan–Brazilian border*. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 15, n.5, 2012. p. 509-531.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Haia: Mounton, 1953.

Artigo recebido em: 03/04/2017.

Artigo aceito em: 12/07/2017.

Artigo publicado em: 20/17/2017.